

feespíritos, os arrastamentos existem, mas também não são irresistíveis

**É válido "descermos um degrau" para estar ao lado de alguém que se volta para as paixões, uma vez que não sabemos até quando estaríamos ao lado dessa pessoa, por que não teríamos como prever quando seria sua "próxima paixão"?**

O que quero dizer é: Quando alguém se aproxima de nós com estes sentimentos que sabemos não ser edificantes, que postura devemos adotar? O espírito é livre para obrar. Estando comprometido com o seu crescimento individual, cabe a ele decidir o que é melhor para ele do ponto de vista espiritual. Nós vivemos juntos, mas o crescimento é individual. Descer um degrau, se for do ponto de vista moral, não se deve descer.

**Quando e como, se é que existe alguma fórmula, poderíamos controlar essa poderosa energia chamada paixão?** O mérito está na resistência ao arrastamento. Esse comportamento deriva da situação em que a pessoa se encontra. Se ela tiver fé no futuro, consciência tranqüila, certeza da felicidade que lhe aguarda, ela saberá orientar essa energia. A paixão também pode ser boa, quando ela conduz a bons resultados, do ponto de vista espiritual. E reconhece-se a paixão boa pelo estado de felicidade decorrente da consciência tranqüila.

**Qual a diferença existente entre paixão e amor?** Paixão e amor são coisas diferentes. Lembrando: as paixões derivam de sentimentos naturais. Logo, eu posso ter paixão pela liberdade, paixão pela justiça, e paixão amor, derivada do sentimento de amor inerente a todo ser. A paixão amor é o exagero que se acrescenta à vontade de amar, de querer estar junto.

**Podemos considerar a paixão como algo útil ao homem, ou a paixão, como sinônimo de exageração, que realmente o é, em nenhuma hipótese pode se considerar como tal? Como a doutrina vê a paixão?** Ela pode ajudar nossa evolução? A paixão de um cientista pela descoberta

## CALENDÁRIO DE REUNIÕES, EVENTOS E ATIVIDADES DO MÊS

### Reuniões Públicas:

Terças	tarde	13:00	Passes, Desobssessão
Quintas	noite	19:00	Passes, Desobssessão

### Reuniões Privadas:

Segundas	noite	20:00	Atend. Especial
Terças	noite	20:00	Socorro aos Viciados
Quartas	noite	20:00	Saúde
Quintas	tarde	14:00	Escola de Médiuns e Estudo da Doutrina
Sextas	noite	19:00	Escola de Médiuns e Estudo da Doutrina
Sábado	tarde	14:30	Escola de Médiuns e Estudo da Doutrina

de uma vacina, por exemplo. O amor que é capaz de extrema doação e esquecimento absoluto de si mesmo. Exemplos: irmã Tereza de Calcutá; Sabin; e no seu exemplo mais profundo, Jesus, não são exemplos vivos da paixão útil?

**A paixão é uma prova?** Pode ser. Se a criatura tiver que se defrontar com uma situação em que ela deve resistir, para provar a si mesmo, o domínio daquele sentimento. Por exemplo: você se confrontar com um amor proibido.

**O que você teria a dizer sobre paixões de pessoas de mesmo sexo? Por que isso ocorre?** Quando reencarnamos sucessivamente no mesmo sexo, assimilamos todos os automatismos e sentimentos decorrentes da experiência própria de cada existência. Interrompida a seqüência e o ser, por alguma contingência e necessidade espiritual, se vê obrigado a encarnar em um corpo de sexo diferente, é natural ele guardar os automatismos e sentimentos em si gravados. Então é comum que, embora num corpo masculino, por exemplo, ele guarde os sentimentos femininos e se sinta atraído para o mesmo sexo. Consumar essa atração ou desejo é decisão de cada um. Isso se constitui numa grande prova para o espírito.



# A VOZ DE CATARINA

Publicação Mensal da Casa de Catarina - Abril de 2011

Rua Visconde de Figueiredo, 79 - salão 103 - Tijuca - Rio de Janeiro  
www.casadecatarina.org.br - casadecatarina@yahoogrupos.com.br

## Visão Espírita da Páscoa

Marcelo Henrique

Deve-se comemorar a Páscoa? Que tipo de celebração, evento ou homenagem é permitida nas instituições espíritas? Como o Espiritismo visualiza o acontecimento da paixão, crucificação, morte e ressurreição de Jesus? Em linhas gerais, as instituições espíritas não celebram a Páscoa, nem programam situações específicas para "marcar" a data, como fazem as demais religiões ou filosofias "cristãs". Todavia, o sentimento de religiosidade que é particular de cada ser-Espírito, é, pela Doutrina Espírita, respeitado, de modo que qualquer manifestação pessoal ou, mesmo, coletiva, acerca da Páscoa não é proibida, nem desaconselhada.

O certo é que a figura de Jesus assume posição privilegiada no contexto espírita, dizendo-se, inclusive, que a moral de Jesus serve de base para a moral do Espiritismo. Assim, como as pessoas, via de regra, são lembradas, em nossa cultura, pelo que fizeram e reverenciadas nas datas principais de sua existência corpórea (nascimento e morte), é absolutamente comum e verdadeiro lembrarmos-nos das pessoas que nos são caras ou importantes nestas datas. Não há, francamente, nenhum mal nisso. Mas, como o Espiritismo não tem dogmas, sacramentos, rituais ou liturgias, a forma de encarar a Páscoa (ou a Natividade) de Jesus, assume uma conotação bastante peculiar. Antes de mencionarmos a significação espírita da Páscoa, faz-se necessário buscar, no tempo, na História da Humanidade, as referências ao acontecimento.

A Páscoa, primeiramente, não é, de maneira inicial, relacionada ao martírio e sacrifício de Jesus. Veja-se, por exemplo,

no Evangelho de Lucas (cap. 22, versículos 15 e 16), a menção, do próprio Cristo, ao evento: *"Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta Páscoa, antes da minha paixão. Porque vos declaro que não tornarei a comer, até que ela se cumpra no Reino de Deus."* Evidente, aí, a referência de que a Páscoa já era uma "comemoração", na época de Jesus, uma festa cultural e, portanto, o que fez a Igreja foi "aproveitar-se" do sentido da festa, para adaptá-la, dando-lhe um novo significado, associando-o à "imolação" de Jesus, no pós-julgamento, na execução da sentença de Pilatos.

Historicamente, a Páscoa é a junção de duas festividades muito antigas, comuns entre os povos primitivos, e alimentada pelos judeus, à época de Jesus. Fala-se do "pesah", uma dança cultural, representando a vida dos povos nômades, numa fase em que a vinculação à terra (com a noção de propriedade) ainda não era flagrante. Também estava associada à "festa dos ázimos", uma homenagem que os agricultores sedentários faziam às divindades, em razão do início da época da colheita do trigo, agradecendo aos Céus, pela fartura da produção agrícola, da qual saciavam a fome de suas famílias, e propiciavam as trocas nos mercados da época. Ambas eram comemoradas no mês de abril (nisan) e, a partir do evento bíblico denominado "êxodo" (fuga do povo hebreu do Egito), em torno de 1.441 a.C., passaram a ser reverenciadas juntas. É esta a Páscoa que o Cristo desejou comemorar junto dos seus mais caros, por ocasião da última ceia. Logo após a celebração, foram todos para o

Getsêmani, onde os discípulos invigilantes adormeceram, tendo sido o palco do beijo da traição e da prisão do Nazareno.

Mas há outros elementos “evangélicos” que marcam a Páscoa. Isto porque as vinculações religiosas apontam para a quinta e a sexta-feira santas, o sábado de aleluia e o domingo de páscoa. Os primeiros relacionam-se ao “martírio”, ao sofrimento de Jesus, e os últimos, à ressurreição e a ascensão de Jesus. No que concerne à ressurreição, podemos dizer que a interpretação tradicional aponta para a possibilidade da manutenção da estrutura corporal do Cristo, no post-mortem, situação totalmente rechaçada pela ciência, em virtude do apodrecimento e deterioração do envoltório físico. As Igrejas cristãs insistem na hipótese do Cristo ter “subido aos Céus” em corpo e alma, e fará o mesmo em relação a todos os “eleitos” no chamado “juízo final”. Isto é, pessoas que morreram, pelos séculos afora, cujos corpos já foram decompostos e reaproveitados pela terra, ressurgirão, perfeitos, reconstituindo as estruturas orgânicas, do dia do julgamento, onde o Cristo, separará justos e ímpios.

A lógica e o bom-senso espíritas abominam tal teoria, pela impossibilidade física e pela injustiça moral. Afinal, com a lei dos renascimentos, estabelece-se um critério mais justo para aferir a “competência” ou a “qualificação” de todos os Espíritos. Com “tantas oportunidades quanto sejam necessárias”, no “nascer de novo”, é possível a todos progredirem. Mas, como explicar, então as “aparições” de Jesus, nos quarenta dias póstumos, mencionadas pelos religiosos na alusão à Páscoa? A fenomenologia espírita (mediúcnica) aponta para as manifestações psíquicas descritas como mediunidades. Em algumas ocasiões, como a conversa com Maria de Magdala, que havia ido até o sepulcro para depositar algumas flores e orar, perguntando a Jesus – como se fosse o jardineiro – após ver a lápide removida, “para onde levaram o corpo do Raboni”, podemos estar diante da “materialização”, isto é, a utilização de fluido

ectoplásmico – de seres encarnados – para possibilitar que o Espírito seja visto (por todos). Igual circunstância se dá, também, no colóquio de Tomé com os demais discípulos, que já haviam “visto” Jesus, de que ele só acreditaria, se “colocasse as mãos nas chagas do Cristo”.

E isto, em verdade, pelos relatos bíblicos, acontece. Noutras situações, estamos diante de uma outra manifestação psíquica conhecida, a mediunidade de vidência, quando, pelo uso de faculdades mediúnicas, alguém pode ver os Espíritos.

A Páscoa, em verdade, pela interpretação das religiões e seitas tradicionais, acha-se envolta num preocupante e negativo contexto de culpa. Afinal, acredita-se que Jesus teria padecido em razão dos “nossos” pecados, numa alusão descabida de que todo o sofrimento de Jesus teria sido realizado para “nos salvar”, dos nossos próprios erros, ou dos erros cometidos por nossos ancestrais, em especial, os “bíblicos” Adão e Eva, no Paraíso. A presença do “cordeiro imolado”, que cumpre as profecias do Antigo Testamento, quanto à perseguição e violência contra o “filho de Deus”, está flagrantemente aposta em todas as igrejas, nos crucifixos e nos quadros que relatam – em cores vivas – as fases da via sacra. Esta tradição judaica-cristã da “culpa” é a grande diferença entre a Páscoa tradicional e a Páscoa espírita, se é que esta última existe. Em verdade, nós espíritas devemos reconhecer a data da Páscoa como a grande – e última lição – de Jesus, que vence as iniquidades, que retorna triunfante, que prossegue sua cátedra pedagógica, para asseverar que “permaneceria eternamente conosco”, na direção bussolar de nossos passos, doravante.

Nestes dias de festas materiais e/ou lembranças do sofrimento do Rabi, possamos nós encarar a Páscoa como o momento de transformação, a Vera evocação de liberdade, pois, uma vez despojado do envoltório corporal, pôde Jesus retornar ao Plano Espiritual para, de lá, continuar “coordenando” o processo

depurativo de nosso orbe. Longe da remissão da celebração de uma festa pastoral ou agrícola, ou da libertação de um povo oprimido, ou da ressurreição de Jesus, possa ela ser encarada por nós, espíritas, como a vitória real da vida sobre a morte, pela certeza da imortalidade e da reencarnação, porque a vida, em essência, só pode ser conceituada como o amor, calcado nos grandes exemplos da própria existência de Jesus, de amor ao próximo e de valorização da própria vida.

Nesta Páscoa, assim, quando estiveres junto aos teus mais caros, lembra-te de reverenciar os belos exemplos de Jesus, que o imortalizam e que nos guiam para, um dia, também estarmos na condição experimentada por ele, qual seja a de “sermos deuses”, “fazendo brilhar a nossa luz”. Comemore, então, meu amigo, uma “outra” Páscoa. A sua Páscoa, a da sua transformação, rumo a uma vida plena.

## Paixões

Accioly Lopes

Vamos falar sobre paixões, mas para que se estabeleça uma base comum de entendimento, deixem-me estabelecer alguns princípios iniciais. As paixões tem sua origem nos sentimentos naturais. O que entendemos por sentimentos naturais? São os sentimentos inatos, decorrentes da lei Divina ou natural, impressa em cada um de nós. Exemplo de sentimentos naturais: o amor, a liberdade, a justiça, a propriedade, o direito, e assim por diante. Vamos definir paixão, segundo a Doutrina Espírita: A paixão é um exagero da vontade, e a vontade é um atributo de todos os espíritos. Estabelecida essa base referencial, podemos passar às perguntas.

**Podemos considerar as paixões como fontes de força que impulsiona-nos a agir de forma mais vigorosa, cuja positividade depende do bom ou do mau caminho a que a direcionamos?** As paixões mobilizam a alma numa determinada direção. As paixões são de duas naturezas: a paixão boa e a pa-

## PERDÃO

O perdão mais consistente alivia a consciência, une amor e complacência, é perdão de um inocente...

Anula a mágoa doente, é puro por excelência. Destrói a ação da demência, fundamenta a fé presente!

Desta forma o Cristo ensina que o perdão mal elimina no inocente ou no culpado!

Remédio para muitas dores, renova a ação dos amores, é um ato abençoado!

Nilo Mattoso

xão má. A paixão boa ou a paixão má é que dará o direcionamento à nossa vontade, sendo o homem responsável pelas conseqüências positivas ou negativas dela derivadas.

**Por que muitas vezes a paixão que temos por determinada pessoa, quando não correspondida, nos leva a cometer desatinos sem conta?** A paixão que temos por determinada pessoa tem a sua origem no sentimento natural do amor. Quando a pessoa comete desatinos por não ser correspondida, é aquele sentimento corrompido originalmente bom, mas que se transformou em egoísmo, que é o sentimento de posse.

**O que fazer quando uma paixão nos machuca muito e depois temos medo de gostar de outra pessoa?** Esse sentimento de medo é muito natural. Nós, em geral, geramos uma carência, e essa carência nos faz temer a repetição da experiência. A vida não é repetitiva, a ocorrência de um fato não implica que ocorrerá repetidas vezes. Não podemos nos